

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



DEPÓSITOS FAUNÍSTICOS DOS ENCHIMENTOS DAS ESTRUTURAS EM NEGATIVO DE PLANTA SUB-RETANGULAR ALONGADA E EM FORMA DE “OSSO” DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO INTERIOR ALENTEJANO

Cláudia Costa / UNIARQ, Universidade do Algarve; Colaboradora da Arqueologia & Património Lda. / ccordeirocosta@gmail.com;

Sérgio Gomes / Arqueologia & Património Lda.; CEAUCP-CAM / sergioalexandregomes@gmail.com

Lídia Baptista / Arqueologia & Património Lda., CEAUCP-CAM, FLUP / lidiabap@gmail.com

RESUMO

Neste artigo analisamos os elementos faunísticos de um conjunto de estruturas em negativo de planta sub-retangular alongada e em forma de “osso” de estações pré-históricas do interior alentejano. Com esta análise pretendemos contribuir para a caracterização da ocorrência destes elementos no enchimento destas estruturas e, no mesmo sentido, associar o enchimento das estruturas a um conjunto de práticas que pode ser identificado nos restos faunísticos. Deste modo, o estudo da fauna proveniente destes contextos abre as possibilidades de discutir o jogo das práticas que podemos considerar na discussão da construção do espaço “marcada” por estas estruturas.

ABSTRACT

This article aims to contribute to the characterization of a particular “type” of negative structures: the bone shaped structures and long sub-rectangular plan structures. These features have been discovered in several prehistoric sites at Alentejo and it seems to be an important architectural device in the construction of the Late Prehistory landscape of the region. We focus our analysis on a group of structures with faunal remains, discussing how these elements can contribute to a better understanding of the practices within which these structures would have participated.

1. INTRODUÇÃO

As estruturas em negativo de planta sub-retangular alongada e em forma de “osso”¹ correspondem a um tipo de estrutura que ocorre, com alguma frequência, nas estações pré-históricas do interior alenteja-

no (Baptista & Gomes, no prelo). O estudo que aqui apresentamos foi realizado com base na análise de 118 estruturas identificadas em 23 sítios intervenções pela equipa da Arqueologia & Património Lda., no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes decorrentes da execução dos Blocos de Rega de Brinches-Enxoé e de Ervidel e dos Circuitos Hidráulicos de Pedrógão e de Vale do Gaio (Fase de Obra) promovidos pela EDIA, S.A. (Figura 1). Neste artigo, o nosso propósito é contribuir para a caracterização e problematização dos enchimentos destas estruturas. Para tal, centraremos o nosso estudo

1. Correspondem a estruturas em negativo cuja planta apresenta uma morfologia semelhante à de um “osso longo estilizado”, ou seja, trata-se de uma forma composta por duas áreas de planta sub-oval localizadas nas extremidades que convergem e estreitam para o “centro” da estrutura.

no caso das estruturas que apresentam elementos faunísticos. Neste sentido, é de salientar que a presença de elementos faunísticos não corresponde a uma situação recorrente, tratando-se de casos de exceção num universo de estruturas que se apresentam, maioritariamente, “vazias” (*Ibidem*). Assim, ao centrarmos a análise no conjunto das estruturas que apresentam fauna, estamos a discutir uma relação entre um “tipo de estrutura em negativo” e um “elemento que participa no seu enchimento”. Na discussão dessa relação, usaremos a análise taxonómica e tafonómica dos elementos faunísticos para tentar inferir o conjunto de práticas em que se processa tal relação.

2. ESTRUTURAS QUE APRESENTAM ELEMENTOS FAUNÍSTICOS

No universo de estruturas em análise, a presença de elementos faunísticos foi registada em apenas nove estruturas. Como já referimos, estes casos correspondem a situações pouco recorrentes, contrastando com um universo onde as estruturas apresentam, maioritariamente, apenas um depósito de enchimento, que, de um modo geral, quase não apresenta componente arqueológica. Os fragmentos de recipientes cerâmicos e os fragmentos de elementos líticos são as ocorrências artefactuais mais frequentes, apresentando, contudo, uma expressão numérica pouco significativa e ocorrendo aleatoriamente no enchimento das estruturas (*Ibidem*). No caso dos restos faunísticos, como veremos, a situação contrasta com este cenário, ocorrendo em contextos formalmente mais complexos e diversificados. Considerando tal diversidade, nos próximos pontos iremos apresentar separadamente cada uma das estruturas.

2.1. MONTE DAS ALDEIAS (PEDRÓGÃO, VIDIGUEIRA)

2.1.1 Sondagem N.º 11

A estrutura da Sondagem N.º 11 (Baptista, Gomes & Mata, 2012) (Fig. 2 – A) apresenta uma sequência de enchimento que combina depósitos areno-argilosos de cor castanha e tonalidade variável que cobrem toda a área da estrutura e um nível de concentração de cinzas e madeira carbonizada circunscrito ao centro. Dividindo a estrutura em três partes (a superior, a média e a inferior), podemos conside-

rar que: a) à parte superior corresponde um conjunto de dois depósitos de enchimento (as UE's 1100 e 1101) que ocupam toda esta área da estrutura; b) na parte média, localiza-se a concentração de cinzas e madeira carbonizada (as UE's 1103, 1104 e 1105) que parecem corresponder ao enchimento de uma interface vertical aberta no depósito que ocupa esta parte da estrutura (a UE 1107); c) a parte inferior da estrutura é ocupada por um único depósito (a UE 1111) que se destaca do anterior (a UE 1108) por apresentar uma coloração alaranjada.

Nestes depósitos, distribuídos de modo aleatório, foi identificado um conjunto artefactual constituído por oito fragmentos cerâmicos e seis fragmentos de elementos líticos (nomeadamente, de dois percutores em quartzito). O elemento faunístico foi recolhido na UE 1103 e corresponde a um fragmento inclassificável de reduzidas dimensões e completamente carbonizado.

2.1.2. Sondagem N.º 15

Os depósitos de enchimento desta estrutura (*Ibidem*) (Figura 2 – B) parecem estar em associação com a sua morfologia. A estrutura apresenta um perfil em Y, ou seja, a parte superior é bastante mais larga do que a parte inferior. Na parte superior da estrutura, encontravam-se dois depósitos com uma espessura de cerca de 0,5 m (as UE's 1500 e 1501); ambos apresentavam uma matriz argilosa, de cor castanha e tonalidade vermelha, compactos e heterogéneos, destacando-se o depósito inferior por apresentar uma inclusão frequente de nódulos de calíço alaranjado e amarelado e carvões de pequeno calibre. Após a remoção destes depósitos, a estrutura não só se apresentava mais estreita, como alguns dos seus depósitos de enchimento são colocados de modo a delinear esse estreitamento, ou seja, parece existir uma remodelação do espaço interior da estrutura delimitado pela interface vertical, na qual é criada uma área em negativo, de planta sub-retangular alongada, no centro da estrutura. Nesta área mais estreita, os depósitos apresentam-se menos espessos do que os da parte superior da estrutura, apresentado também um elevado número de fragmentos de carvões e madeira carbonizada. A remoção deste conjunto de depósitos (as UE's 1502, 1503, 1504, 1505, 1506 e 1507) permitiu identificar um nível de “buracos de poste”, abertos no depósito UE 1528. Estes “buracos de poste” poderão corresponder a uma construção em madeira, correspondendo

os depósitos que sobrepõem a esta realidade, a um processo de destruição/desmantelamento de tal estrutura. Após a escavação deste conjunto de depósitos, foram identificados mais três depósitos (as UE's 1530, 1532 e 1533), de características semelhantes aos do topo, que correspondem à delimitação do estreitamento da estrutura.

A componente artefactual que estava em associação a esta sequência de enchimento é composta por 21 fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões, que ocorreram, fundamentalmente, nos depósitos do topo, e seis fragmentos de elementos líticos que se distribuem pelos depósitos do topo e da base. No que diz respeito aos elementos faunísticos, é de salientar que a sua ocorrência se circunscreve aos depósitos que se associam à estrutura de madeira carbonizada, onde se recuperou um conjunto de cinquenta e um fragmentos de ossos calcinados e carbonizados de dimensões reduzidas, claramente resultantes do estalamento pela ação do fogo. Para além dessa concentração, foi ainda detetado um conjunto de elementos desarticulados nas UE's 1504, 1505 e 1507, correspondente a um esqueleto completo de veado.

2.1.3. Sondagem N.º 40

A estrutura da Sondagem N.º 40 (*Ibidem*) (Figura 3 – A) apresenta um perfil em W no seu eixo longitudinal, ou seja, corresponde à articulação, ao nível do topo, de dois módulos de planta sub-elíptica. O enchimento da estrutura, num dos módulos, corresponde a um único depósito de matriz argilosa de cor castanha e tonalidade vermelha, compacto e heterogéneo, com inclusão de nódulos de calicho (UE 400); neste depósito foram recolhidos dois fragmentos cerâmicos muito corroídos. Esse mesmo depósito ocupa também a parte superior do outro módulo, cobrindo um depósito faunístico que corresponde a um esqueleto parcialmente articulado de veado. Os restos de animal foram depositados sobre um depósito semelhante ao que o cobria que, por sua vez, ocupa a parte inferior desta parte da estrutura.

2.1.4. Sondagem N.º 155

A estrutura da Sondagem N.º 155 (*Ibidem*) apresenta, do ponto de vista morfológico e da sequência de enchimento, muitas semelhanças com a estrutura da Sondagem N.º 15. Com efeito, ambas apresentam um estreitamento, que é reforçado pelos depósitos de enchimento, criando uma área central onde foi

identificado um nível de buracos de poste. Em associação com este nível, foi também identificada uma sequência de depósitos, com muitos carvões e fragmentos de madeira carbonizada, que poderá corresponder ao desmantelamento de uma eventual estrutura em materiais perecíveis. O conjunto artefactual associado a este enchimento é muito reduzido, sendo constituído por dois fragmentos cerâmicos e cinco fragmentos de elementos líticos. Os restos faunísticos concentram-se num depósito, que ocorre quase no topo do estreitamento da estrutura, estando em associação com fragmentos de madeira carbonizada. Correspondem a elementos desarticulados de membro anterior direito de veado composto por fragmentos de escápula, úmero, rádio e metacarpo completamente carbonizados. Além destes elementos foram ainda recuperados elementos vertebrais e de ossos longos fragmentados de animal de médio porte não determinado, não manipulados termicamente. Na UE 15514 foi ainda recuperado um fragmento de pélvis de animal de grande porte indeterminado também sem marcas de manipulação térmica.

2.1.5. Sondagem N.º 159

A estrutura da Sondagem N.º 159 (*Ibidem*) apresenta uma morfologia e sequência de enchimento idêntica às das estruturas das Sondagens N.º 15 e N.º 155. Trata-se, então, de uma estrutura de perfil em Y, cuja parte mais larga (a do topo) se encontrava colmatada por um depósito compacto de matriz argilosa de cor castanha com uma espessura de quase um metro (a UE 15900). A parte mais estreita apresenta, quase na base, um nível de buracos de poste, correspondendo ao topo do enchimento deste estreitamento a um nível de concentração de madeira carbonizada (a UE 15904), sobreposto a uma sequência de depósitos argilosos de cor castanha, que cobre o referido nível de buracos de poste. No que diz respeito à componente artefactual, é de salientar o seu carácter vestigial sendo constituído por apenas quatro fragmentos cerâmicos e treze elementos líticos, nomeadamente percutores e alisadores em seixos de quartzito, concentrando-se a maioria dos elementos no depósito de topo da estrutura (UE 15900). Quanto à fauna, foi recuperado apenas um fragmento de tíbia de veado e quatro elementos não determinados e não queimados, localizados nos depósitos de enchimento da zona mais estreita, tendo sido registados numa pequena concentração (a UE

1505), após a remoção do nível de concentração de madeira carbonizada.

2.2. MONTE DA BARRADA 1 (PEDRÓGÃO, VIDIGUEIRA)

A estrutura da Sondagem N.º 15 do Monte da Barrada (Baptista & *alli*, no prelo) (Figura 3 – B) apresenta uma planta em forma de “osso”, com um comprimento de 3,1m, 0,2m de largura ao centro e 0,8m nas extremidades e uma profundidade de cerca de 1,4 m. No seu enchimento, ao nível do topo, foi identificado um depósito, com cerca de 20 cm de espessura, de matriz argilosa de coloração castanha-escura, muito compacto, com inclusão de fragmentos de xisto, gabros esverdeados e esbranquiçados, manchas de argila alaranjada e raízes (UE 1500). Após a remoção do depósito de topo, foi identificado um depósito (a UE 1501) que ocupava quase toda a estrutura, apresentando uma espessura de quase um metro e uma matriz semelhante ao depósito superior, mas de tonalidade branca, com inclusão de nódulos de calíço e dioritos (UE 1501). Este depósito cobria um nível de elementos de fauna (UE 1502) que se concentrava num dos módulos da estrutura. Sob este nível, encontrava-se o último depósito de enchimento da estrutura; tratava-se de um depósito semelhante à UE 1501, com quase 20 cm de espessura. No enchimento desta estrutura não foi identificado qualquer elemento de natureza artefactual. O conjunto faunístico corresponde exclusivamente a elementos desarticulados de um indivíduo de *Bos* sp.

2.3. MONTE DO OUTEIRINHO NOVO (FERREIRA DO ALENTEJO, FERREIRA DO ALENTEJO)

A estrutura da Sondagem N.º 7 do Monte do Outeirinho Novo (Baptista, Pinheiro & Gomes, 2012) (Figura 4 – A) apresenta uma planta sub-retangular e perfil em U; trata-se de uma estrutura muito estreita, com 44 cm de largura, um comprimento de 3,8 m e 1,4 de profundidade. O seu enchimento era constituído por um depósito inicial com cerca de 60 cm de espessura, que apresentava uma matriz areno-argilosa, semelhante à do substrato, de cor castanha e tonalidade escura, com inclusão de nódulos de calíço. Após a remoção deste depósito, foi identificado um nível horizontal de partes de esque-

leto de veado, compostos por elementos dos membros, principalmente membro anterior esquerdo e membro posterior direito, e alguns fragmentos de costelas. Este nível assentava num depósito semelhante ao do topo, mas mais claro e com uma maior inclusão de nódulos de calíço, que preenchia o resto da estrutura.

2.4. MONTINHOS 6 (BRINCHES, SERPA)

A análise da morfologia da estrutura da Sondagem N.º 12 de Montinhos 6 (Baptista & Gomes, 2011) (Figura 4 – B) apresenta um conjunto de aspetos que remete para a possibilidade da existência inicial de uma estrutura tipo “fossa” que, posteriormente, poderia ter sido reapropriada para a construção de uma estrutura de planta em forma de “osso”. De qualquer modo, a sequência de enchimento registada parece fazer parte desta última configuração do espaço. Com efeito, trata-se de um conjunto de depósitos de matriz areno-argilosa, semelhante à do calíço onde foi aberta a estrutura com variações na coloração e compactidade, que ocupavam, em níveis horizontais, a totalidade do espaço definido pela estrutura. Estes depósitos não apresentavam qualquer elemento artefactual, porém no depósito da base (a UE 1204) foram recolhidas duas diáfises de fémur de animal de grande porte inclassificável.

2.5. VALE FRIO 2 (FERREIRA DO ALENTEJO, FERREIRA DO ALENTEJO)

A estrutura da Sondagem N.º 19 de Vale Frio 2 (Baptista & *alli*, no prelo) (Figura 4 – C) apresenta uma planta em forma de “osso” com um perfil longitudinal em W. Trata-se de uma estrutura com 4,96 m de comprimento, uma largura média de 70 cm e cerca de 1 m de profundidade. O seu enchimento era constituído por um único depósito compacto de matriz areno-argilosa, semelhante à do calíço, cor castanha clara, onde ocorriam nódulos de calíço, de argila e carvões. Neste depósito não foi identificado qualquer elemento artefactual, apresentando exclusivamente um fragmento de haste de veado.

3. CONJUNTO ARQUEOFAUNÍSTICO

A leitura dos dados referentes ao estudo da arqueofauna demonstrou a existência de associações arqueofaunísticas que podemos ordenar em três

grupos: elementos indetermináveis isolados de reduzidas dimensões, conjuntos de elementos articulados ou parcialmente articulados e elementos determináveis anatomicamente mas isolados ou em pequenos conjuntos.

Os três grupos de associações arqueofaunísticas acima referidos remetem para leituras distintas do modo como os elementos faunísticos participam no enchimento das estruturas. Por um lado, os fragmentos isolados cuja presença dentro do contexto arqueológico deverá ser interpretada como fazendo parte do próprio depósito (constituindo um clasto), como é o caso do elemento que se encontra isolado dentro da Estrutura N.º 11 e o elemento da UE 15514 da Estrutura N.º 155 do Monte das Aldeias. Por outro lado, encontram-se os conjuntos de elementos articulados ou parcialmente articulados que correspondem a um esqueleto ou partes esqueléticas pertencentes a um único indivíduo de um determinado táxon, veado ou bovino. São o caso dos esqueletos completos que se encontram nas Estruturas N.º 15 e N.º 40 e o membro anterior da Estrutura N.º 155, todos do Monte das Aldeias, e dos membros anterior e posterior da Estrutura N.º 7 do Monte do Outeirinho Novo. Por último, podem encontrar-se elementos soltos, isolados, em par ou em conjuntos diminutos. Neste grupo incluem-se as duas diáfises de fémur de animal de grande porte da Estrutura N.º 12 de Montinhos 6, a haste de veado da Estrutura N.º 19 de Vale Frio 2 e o conjunto de restos fragmentados e carbonizados (incluindo um fragmento de astrágalo de veado) da Estrutura N.º 159 do Monte das Aldeias. As dimensões dos elementos destes dois últimos grupos, a sua associação contextual bem como o seu estado de conservação, não são compatíveis com as características que os elementos isolados exibem, remetendo para uma outra leitura da sua ocorrência. Com efeito, se os elementos isolados podem ser interpretados como constituintes dos sedimentos, já os outros conjuntos apresentam uma formalização que sugere um “cenário de manipulação” mais complexo para explicar a sua ocorrência no enchimento das estruturas. Nas considerações finais voltaremos às leituras que estes contextos permitem.

Os elementos não submetidos termicamente encontram-se, na generalidade, muito afetados pela corrosão o que afeta a camada externa da superfície dos ossos, não permitindo, na maioria dos casos, a observação de marcas de corte. No que diz respeito

to aos conjuntos de ossos articulados, os elementos encontravam-se originalmente completos, todavia, foram recuperados muito fragmentados devido, por um lado, aos processos de meteorização que nalguns casos se apresentavam bastante avançados, e por outro, pelas condições de escavação que provocaram fraturas recentes. Por este motivo, a contabilização dos elementos preservados foi em larga escala afetada, não sendo possível classificar anatomicamente todos os ossos recuperados, particularmente dos elementos do esqueleto axial.

Não obstante, foi possível identificar três tipos de manipulação antrópica: marcas de corte, fratura intencional quando o osso se encontrava em estado fresco, a chamada fratura helicoidal, e marcas de submissão ao fogo. As marcas de corte foram registadas no atlas do esqueleto de veado da Estrutura N.º 40 e em ambos os fragmentos de tíbia do esqueleto de veado da Estrutura N.º 159 do Monte das Aldeias. Além disso, um dos fragmentos de tíbia mostrava ainda uma fratura intencional provocada quando o osso se encontrava em estado fresco. No esqueleto de bovino da Estrutura N.º 15 do Monte da Barrada 1 foram registadas marcas de corte no úmero, rádio e ulna do lado direito e no metatarso do lado esquerdo. Tratando-se de marcas de corte localizadas nas extremidades dos ossos longos relacionam-se com o desmembramento intencional dos elementos anatómicos, tal como se verifica com os cortes no atlas de veado que relacionar-se-á com a desarticulação do crânio.

Quanto às marcas de submissão térmica incidem exclusivamente sobre os restos nas Estruturas N.º 15 e N.º 155 do Monte das Aldeias. Nas unidades subjacentes e sobrejacentes ao “enterramento” de esqueleto de veado da Estrutura N.º 15, foram recuperados elementos faunísticos com marcas de intensa submissão ao fogo, quer carbonizados quer calcinados, estando os elementos correspondentes ao esqueleto de veado livres de marcas de fogo. Quanto aos restos queimados da Estrutura N.º 155, os únicos elementos integráveis num táxon encontravam-se completamente calcinados, correspondendo ao membro superior direito de veado.

A representação anatómica demonstra a preservação de todas as partes anatómicas de cada um dos esqueletos, sugerindo que a extração de carne tenha sido realizada no local depois do desmembramento da carcaça tendo os ossos permanecidos no interior da estrutura negativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação de estruturas alongadas com perfil em Y/V/W tem sido realizada nalgumas regiões da Europa Central e do Norte desde os inícios do século XX, com integração cronológica genérica dentro da Pré-História Recente (Marcigny, Riquier 2009, Achard-Corompt & *alli*, 2010; 2011; 2012), um fenómeno que parece estender-se para a Península Ibérica.

Além da planta e perfis, as estruturas portuguesas têm algumas similitudes com as estruturas europeias nomeadamente na baixa frequência de elementos artefactuais e na percentagem baixíssima de estruturas com apresentação de restos de animais. Algumas intervenções recentes demonstraram que, no caso das estruturas onde se recuperam materiais de animais vertebrados, se regista uma tendência de acumulação desses mesmos restos na parte inferior da sequência de enchimento. Verifica-se também que os restos faunísticos se reportam a um naipe de espécies muito reduzida, normalmente animais selvagens de grande porte como auroque e cervídeos (*Ibidem*). Nos casos do território português regista-se a exclusividade de veado (Monte das Aldeias, Monte do Outeirinho Novo e Vale Frio 2) e bovino (Monte da Barrada 1). Outra similitude com as estruturas identificadas na Europa é a associação de algumas destas faunas a restos de madeira, havendo mesmo nalguns casos a presença de buracos de poste tal como se observou no Monte das Aldeias.

Várias têm sido as interpretações sobre a funcionalidade que têm sido avançadas pelos diferentes autores, desde a associação a ações rituais até a estruturas de apoio ao tratamento de peles. Recentemente uma linha de investigação tem sido desenvolvida, especialmente para os sítios da região da Normandia, sobre a utilização das estruturas como armadilhas utilizadas na caça a grandes mamíferos com paralelos etnográficos em comunidades indígenas da Escandinávia (Achard-Corompt & *alli*, 2011; 2012). Embora escassos, os dados disponíveis para as estruturas portuguesas e até agora em estudo mostraram algumas evidências que contrariam esta hipótese. Em primeiro lugar, a associação dos restos faunísticos aos elementos de madeira queimada nos contextos do Monte do Outeirinho Novo e nas Estruturas N.º 15 e N.º 40 do Monte das Aldeias não é inequívoca, porquanto os materiais faunísticos não se encontram carbonizados como se encontram

as madeiras, implicando que a deposição dos animais tenha que ser posterior à queima das madeiras. A associação de restos de animais à estrutura de madeira só poderá ser inferida no caso dos elementos faunísticos que se encontram carbonizados, como na Estrutura N.º 155 de Monte das Aldeias. Nestes casos porém, os restos faunísticos reportam-se apenas a partes esqueléticas e não a animais completos. Pelo que, a funcionalidade de uma eventual estrutura de madeira na captura de um animal parece estar comprometida, podendo apenas estabelecer-se uma relação entre a estrutura de madeira e um membro de animal que terão sido queimados conjuntamente. O estudo da ocorrência de fauna neste tipo de estruturas necessita de um aumento do *corpus* de dados de forma a abrir outras perspetivas para a compreensão do modo como os elementos faunísticos participam no enchimento destas estruturas. No mesmo sentido, é necessário também avaliar as particularidades da sua ocorrência neste tipo de estruturas face ao variado leque de contextos pré-históricos que apresentam fauna. Deste exercício de sistematização de dados talvez resulte a emergência de outras relações que, no atual estado da pesquisa, ainda não são visíveis. Neste fazer saltar relações que ainda não vemos, joga-se com as diferenças que separam as cosmologias em diálogo na discussão destes contextos (Valera 2012).

BIBLIOGRAFIA

ACHARD-COROMPT, N., AUXIETTE, G., FROMONT, N., GHESQUIÈRE, E., GIAZZON, D., KASPRZYK, M., MARCIGNY, C. & RIQUIER, V. (2011) – “Les fosses à profil « en V-Y-W »/Schlitzgruben: retour sur une énigme”, *RAP - n.º spécial 28 - Le Néolithique du Nord de la France dans son contexte européen: habitat et économie aux 4e et 3e millénaires avant notre ère - Actes du 29e colloque interrégional sur le Néolithique*, Villeneuve-d’Ascq 2-3 octobre 2009, 549-558.

ACHARD-COROMPT, N., MARCIGNY, C., RIQUIER, V. & VANMOERKERKE, J. (2012) – “Schlitzgruben”, “fentes”, “V-shaped pits”...: a European research for a European phenomenon”, comunicação apresentada no *18th Annual Meeting of European Association of Archaeologists*, Helsinquia, 29 de Agosto a 1 de Setembro

ACHARD-COROMPT, G., ACHARD-COROMPT, N., DESBROSSE, V., AUXIETTE, G., FECHNER, K., MOREAU, C., PELTIER, V., RIQUIER, V. (2010) – “Chasse, culte ou artisanat? Premiers résultats du projet de recherche relative aux fosses à profil en “V, Y, W”», *Bulletin de la Société préhistorique française*, tome 107, 3, pp. 581-600.

BAPTISTA, L., FIGUEIREDO, M., GOMES, S. & TOMÉ, J. (no prelo) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão – Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Monte da Barrada 1*. Relatório Final, Beja: Arqueologia e Património Lda.

BAPTISTA, L. & GOMES, S. (2011) – *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Montinhos 6*, Arqueologia e Património Lda.

BAPTISTA, L. & GOMES, S. (no prelo) – “Contributos para o estudo das modalidades de construção do espaço das estruturas de planta em “osso” e sub-retangulares alongadas.” *Atas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, em 4 e 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz)

BAPTISTA, L., GOMES, S., FERNANDES, S. & PINHEIRO, R. (no prelo) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel – Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Vale Frio 2*. Relatório Final, Beja: Arqueologia e Património Lda.

BAPTISTA, L., GOMES, S. & MATA, V. (2012) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão – Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Monte das Aldeias*. Relatório Final, Beja: Arqueologia e Património Lda.

BAPTISTA, L., PINHEIRO, R. & GOMES, S. (2012) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel – Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Monte do Outeirinho Novo*. Relatório Final, Beja: Arqueologia e Património Lda.

MARCIGNY, C., RIQUIER, V. COM COL. DE ACHARD-COROMPT, N., AUXIETTE, G., DESBROSSE, V., FECHNER, K., GUESQUIÈRE, E., GIAZZON, D., MOREAU, C., VANMOERKERKE, J. (2009) – “Les sites à “fosses en V-Y” Émergence d’une problématique de d’un réseau au niveau national”, *Archeopages*, 25, pp. 69-77.

VALERA, A.C. (2012) “A Vaca de Almada e o Problema das Relações Homem / Animal na Pré-História Recente”, *Al-madan* N.º 17 (IIª Série), pp 22-29.

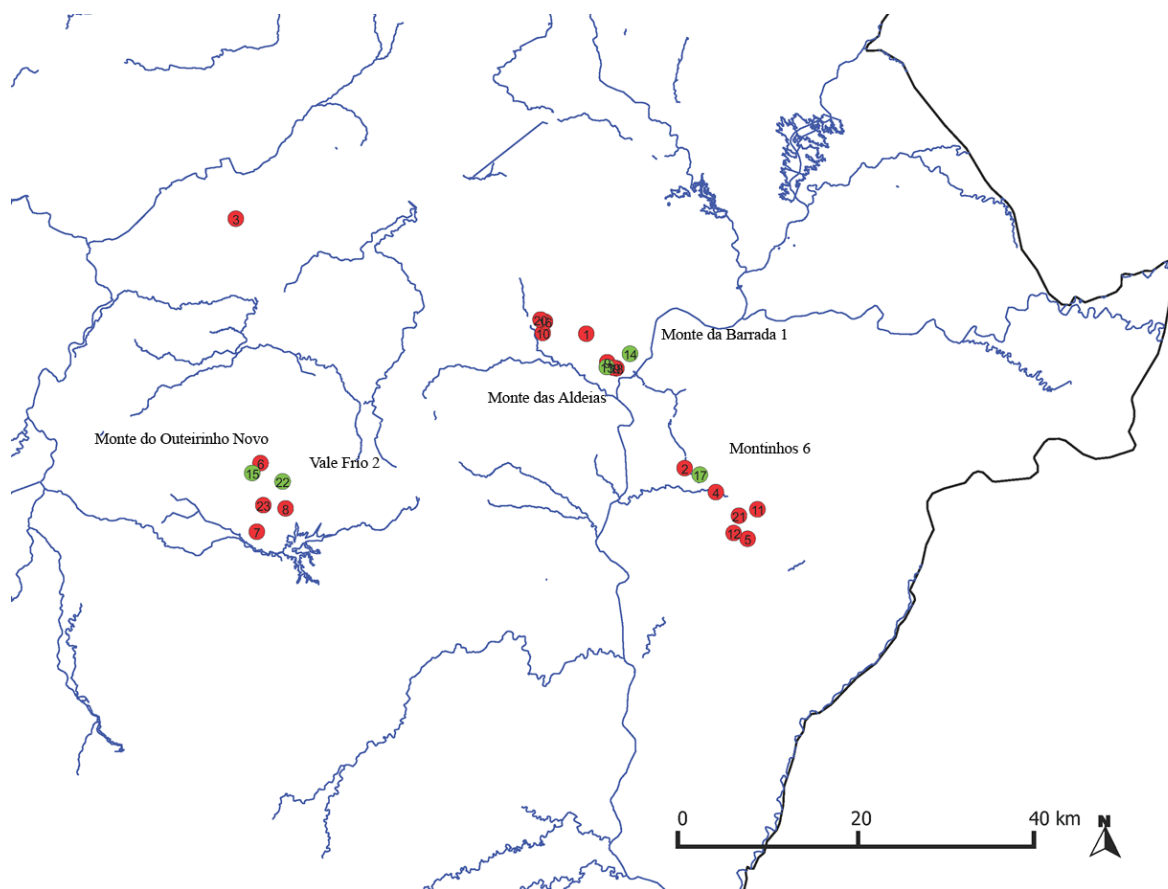


Figura 1 – Mapa de distribuição dos 23 sítios intervencionados pela equipa Arqueologia & Património, Lda.. Destaque dos sítios referidos em texto: 13 – Monte das Aldeias; 14 – Monte da Barrada 1; 15 – Monte do Outeirinho Novo; 17 – Montinhos 6; e 22 – Vale Frio 2.

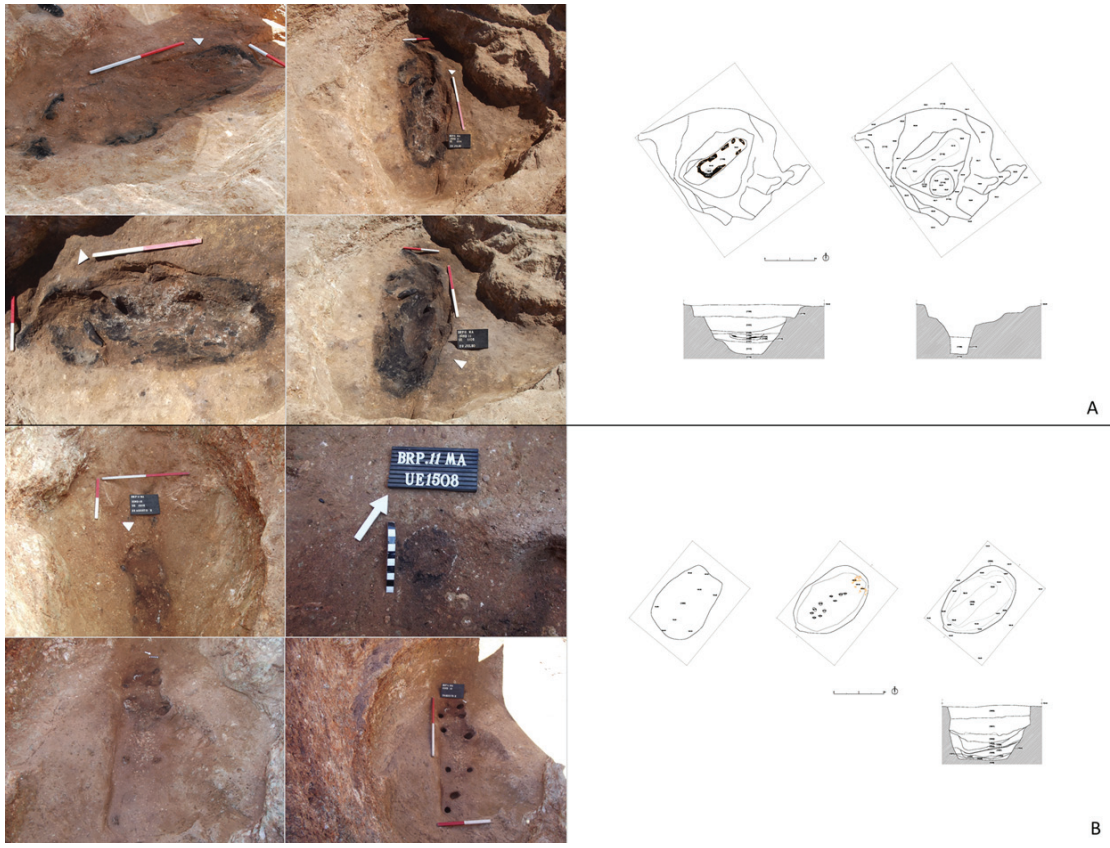


Figura 2 – Monte das Aldeias: A – Estrutura N.º 11 e B – Estrutura N.º 15.



Figura 3 – Monte das Aldeias: A – Estrutura N.º 40 e Monte da Barrada 1; B – Estrutura N.º 15.



Figura 4 – Monte do Outeirinho Novo: A – Estrutura N.º 7; Montinhos 6: B – Estrutura N.º 12; e Vale Frio 2: C – Estrutura N.º 19.



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua